

RESUMO DE “O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS”

José Saramago

Este é um romance fascinante, denso, com incursões inesperadas a propósito de tudo e de nada, desde expressões da nossa linguagem do dia-a-dia, até às deambulações sobre a vida, a morte, o ser, o existir, o sonho... sobretudo nos encontros de Ricardo Reis com Fernando Pessoa. É um livro surpreendente, para ser lido com calma, saboreando os caminhos que Saramago nos convida a seguir, ao longo das páginas deste romance.

Em finais de dezembro de 1935, Ricardo Reis chega de barco a Lisboa, vindo do Brasil onde esteve dezasseis anos a viver. É o reencontro com a sua cidade, ficando alojado no Hotel Bragança na Rua do Alecrim, não sabendo ainda por quanto tempo lá vai ficar. Sem planos definidos, Ricardo Reis é uma personagem solitária que vai observando e apreendendo a realidade da cidade, do país e do mundo, sem se envolver diretamente, antes colocando-se de fora.

No entanto, o cemitério dos Prazeres onde está sepultado Fernando Pessoa falecido em 30 de Novembro de 1935, é o primeiro local que Ricardo Reis visita mal chega a Lisboa. No primeiro dia do ano de 1936, quando a euforia do novo ano é vivida lá fora e Ricardo Reis já se recolheu ao seu quarto no hotel Bragança, Fernando Pessoa (ou o seu fantasma) visita-o pela primeira vez e avisa-o de que só poderão ter mais oito meses para se encontrarem e explica que tal como quando estamos no ventre das nossas mães não somos ainda vistos, mas todos os dias elas pensam em nós, após a morte cada dia vamos sendo esquecidos um pouco “salvo casos excepcionais nove meses é quando basta para o total olvido”.

O “Senhor Doutor Reis” como é tratado pelos empregados e hóspedes do hotel é um homem solitário, embora goste de almoçar em pequenos restaurantes pedindo ao empregado que não levante o prato à sua frente e deixe cheios o seu copo e o do seu companheiro imaginário. Gosta de observar e imaginar

histórias sobre alguns hóspedes que jantam e frequentam o hotel e cria uma familiaridade por vezes forçada com o gerente – Salvador – com Pimenta que lhe carrega as malas e com Lídia a empregada que lhe limpa o quarto e lhe leva o pequeno almoço. Por outro lado, sendo alguém que se instala durante algum tempo no hotel sem ocupação nem ligações familiares ou sociais conhecidas, é observado não só pelo gerente e pelo empregado do hotel, mas também pela polícia política que quer saber as motivações daquele estranho doutor Ricardo Reis que regressou a Portugal vindo do Brasil. As notícias que lê todos os dias nos jornais para se pôr a par do que se passa no mundo e em Portugal pintam um retrato idílico de um país em que o salazarismo começa a fazer o seu caminho. O país da ideologia da família unida e feliz, em paz, em confronto com as convulsões que se vivem na vizinha Espanha e no Brasil. O país da sopa dos pobres e das obras de caridade em todas as paróquias e freguesias. O país onde se morre de doença e de falta de trabalho. O país dos milagres de Fátima e da devoção ao chefe, arregimentando os seus seguidores na Mocidade Portuguesa, na Legião e em outros instrumentos de propaganda como a Obra das Mães pela Educação Nacional. O país dos filhos de pais incógnitos. O país da discricionariedade e da devassa da vida privada, dos interrogatórios e da intimidação sem quaisquer motivos, o início da triste história da PVDE/PIDE. No fim do interrogatório à saída de António Maria Cardoso, Ricardo Reis sentiu um fedor a cebola que exalava Victor, o informador. Mas também noutros momentos esse fedor rondava por perto.

Lisboa, a cidade de Pessoa, a cidade onde Ricardo Reis veio para morrer, é uma cidade cinzenta e triste em que a chuva cai impiedosa. O Carnaval também é molhado e sem graça. No Verão, o calor é sufocante. A condizer com o ambiente de suspeição e desconfiança do Estado Novo, a cidade é mesquinha, coscuvilheira, intromete-se na vida dos outros. Seja primeiro no hotel Bragança, ou mais tarde quando Ricardo Reis aluga um andar na Rua de Santa Catarina, as vizinhas espreitam, conjeturam, mexericam, imiscuem-se. Até para os dois velhos que se sentam junto à estátua do Adamastor, aquele novo morador de Santa Catarina não deixa de ser um motivo de interesse para matar as horas de ócio e de conversa. Felizmente para Ricardo Reis, daquele segundo andar há uma vista deslumbrante para o Tejo.

Em Espanha, depois da vitória das esquerdas nas eleições é para Lisboa que fogem e se refugiam os detentores de riquezas, aguardando a reviravolta que não tardará com o golpe fascista liderado por Franco. Na Alemanha e na Itália, os ditadores lançam os seus instrumentos de propaganda e preparam os seus seguidores para um dos períodos mais negros da história da humanidade. No Brasil o comunista Luís Carlos Prestes é preso. As notícias dos jornais portugueses dão conta de que no estrangeiro Portugal é visto como o país que finalmente vive um período de paz e prosperidade.

E agora, as duas personagens femininas que se relacionam com Ricardo Reis. Lídia – a musa das Odes de Ricardo Reis – e Marcenda são duas personagens centrais nesta obra e neste período da vida de Ricardo Reis. Como é apanágio de Saramago, as suas heroínas são sempre mulheres fortes e decididas. Lídia, empregada no hotel onde Ricardo Reis vai viver os primeiros tempos após a sua chegada a Lisboa, é senhora de si, apaixona-se pelo doutor Ricardo Reis mesmo sabendo das diferenças sociais que a impedem de poder ter uma vida social sem ambiguidades com aquele com quem se relaciona sexualmente. Marcenda, a jovem hóspede do hotel que todos os meses vem com o pai para uma consulta médica, encontra em Ricardo Reis uma pessoa mais velha que a trata como uma adulta e não como uma criança a quem se escondem verdades dolorosas.

Muito mais haveria a dizer sobre este denso romance de José Saramago, repleto de referências poéticas a Camões, à “Mensagem” de Fernando Pessoa e aos seus muitos heterónimos, entre outros. Não sendo especialista na obra do poeta, limito-me aqui a fazer este breve apontamento sobre esta obra de Saramago que penso ser um manancial para os/as amantes da literatura e, sobretudo, para os/as estudiosos/as da poesia de Pessoa e dos seus diversos heterónimos.

Síntese da unidade - O Ano da Morte de Ricardo Reis

O romance irá apresentar **o panorama político da maior parte dos principais países envolvidos nestas crises** – que culminarão com a eclosão da **Segunda Guerra Mundial** – em especial através das notícias dos jornais portugueses que serão lidas pelo protagonista, Ricardo Reis. 1936 (ano em que decorre a maior parte da ação).

Período conturbado, devido às crises de natureza política que ocorriam na Europa, em que oscilavam tendências democráticas e totalitárias, estas últimas de carácter fascista.

Portugal – Consolida-se o Estado Novo, conduzido por Salazar. É fundada a Mocidade Portuguesa. O campo de concentração do Tarrafal entra em funcionamento.

Espanha – Emergem os conflitos sociais, políticos e económicos que impulsionarão o povo espanhol para a Guerra Civil, sob o comando do General Franco.

Itália – Mussolini, líder fascista, ascende ao poder. Trava-se a guerra contra a Etiópia.

Alemanha – O poder de Hitler, que compartilha dos ideais totalitários dos nazis, é fortalecido. Intensificam-se os ataques aos judeus.

Estado Novo: regime ditatorial

- Equilíbrio financeiro, conseguido com o aumento dos impostos e com a redução de gastos com a educação, saúde e salários dos funcionários públicos.
- Modernização do país, através da política de obras públicas.
- Estabilidade forçada com a criação de meios de controlo da sociedade: Censura Polícia política (PVDE, mais tarde PIDE) Mocidade Portuguesa, Propaganda Nacional

- Aliança com a Igreja (instrumento capaz de persuadir e manipular as populações), assente na visão de Salazar como o salvador da moralidade cristã e da pátria.

O espaço da cidade. Deambulação geográfica e viagem literária

A cidade de Lisboa (palco da ação) É descrita como um labirinto, monótona, pobre, sombria, silenciosa, chuvosa, de águas turvas. Metáforas que remetem para as circunstâncias políticas e históricas vividas em Portugal, em 1936: estado de estagnação, miséria e conformismo em que o povo estava mergulhado, clima de ameaça e perseguição e restrição da liberdade de expressão exercidos pelo regime

No seu regresso à pátria, após dezasseis anos de exílio no Brasil, Ricardo Reis constata que pouco mudou em Portugal – sinal de **estagnação do país**. No entanto, o espaço exterior conduz a outro tipo de deambulações, estas de natureza literária, por parte de Ricardo Reis (e do próprio narrador). Assim, a cada passo da personagem pelas ruas de Lisboa, assistimos a referências a vários autores e textos da literatura portuguesa e mundial.

Assim, a cada passo da personagem pelas ruas de Lisboa, assistimos a referências a vários autores e textos da literatura portuguesa e mundial.

Os textos evocados, muitas vezes, não são fiéis ao original, surgindo sob a forma de alusões, paráfrases ou imitações criativas/paródias. Visita a locais como a rua do Comércio, o Terreiro do Paço, a rua do Crucifixo, o Chiado, a Praça da Figueira, a rua do Alecrim, ou o Bairro Alto. Evocação de textos, entre os quais a Bíblia, e de autores como Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Camões, Eça de Queirós, Cesário Verde, Almeida Garrett, Jorge Luís Borges, Dante, Cervantes ou Virgílio.

Paródia do verso de Os Lusíadas “Onde a terra se acaba e o mar começa” no início e no fecho da obra.

Citação de versos de *Os Lusíadas* como “esta apagada e vil tristeza”, com vista a ridicularizar determinadas situações.

Presença constante da estátua de Camões e do Adamastor, como forma de destacar a produção camoniana como um marco de fundamental importância

na literatura portuguesa (“todos os caminhos portugueses vão dar a Camões”). Denúncia da subversão e do aproveitamento das palavras e da figura de Camões por parte do regime.

Configuração do espaço da cidade de Lisboa como uma realidade confinadora e destrutiva (“Ricardo Reis atravessou o Bairro Alto, descendo pela Rua do Norte chegou ao Camões, era como se estivesse dentro de um labirinto que o conduzisse sempre ao mesmo lugar”).

Comiseração e identificação do narrador com certas figuras do povo observadas. Remissão para a evocação de um passado glorioso contrastante com a estagnação de um presente moribundo.

Visualismo de pendor impressionista e convergência dos sentidos.

Construção da personagem Ricardo Reis à luz das características físicas, psicológicas e literárias fixadas pelo seu criador, patentes, por exemplo, nas conversas entre o heterónimo e o ortónimo.

A personagem principal: Ricardo Reis

A imagem traçada por Saramago coincide com a projetada por Fernando Pessoa na criação deste heterónimo: “homem grisalho” (uma vez nascido em 1887, em 1936 teria 49 anos) “seco de carnes” (na carta a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa afirma que ele é um homem forte, mas seco) Esteve emigrado no Brasil (Saramago parte deste pressuposto e coloca Reis de regresso à pátria, ao fim de 16 anos).

É poeta e médico. Tem:

- dificuldade em tomar decisões ou avançar explicações, dado acreditar no peso do destino;

- enorme autodisciplina, evitando as paixões e a inquietude da alma;

- rigor, enquanto poeta, nas formas estróficas e métricas.

Permanecem também alguns traços da filosofia de vida e do credo poético do heterónimo.

Representações do amor Marcenda e Lídia

Retrato físico | Retrato psicológico

Marcenda - Jovem com cerca de 20 anos, delgada, de pescoço esguio, queixo fino e de contornos pouco definidos. Sofre de paralisia na mão esquerda, o que condiciona muito a sua postura. Mulher virgem e inexperiente, passiva, sem grandes convicções e sem vontade própria (está disposta a ir a Fátima simplesmente para agradar ao pai), que anula os projetos futuros (desiste de ser feliz, recusando o pedido de casamento de Ricardo Reis). Representa a inércia, a apatia, a desistência de Ricardo Reis. Representa a possibilidade de Ricardo Reis vingar sem o seu criador, transformando-se num agente ativo e não num mero espetador do mundo. Etimologicamente, o seu nome significa “aquela que murcha”, que não é eterna – contrasta com as musas das odes.

Lídia - Tem cerca de 30 anos, é bonita, morena, relativamente baixa e de formas bem feitas. Mulher emancipada, perspicaz e questionadora. Apesar de ser simples, humilde e pouco letrada, é uma pessoa informada e preocupada com o mundo que a rodeia, revelando ter espírito crítico. É ainda uma mulher ativa, trabalhadora e lutadora. Contrasta com a Lídia das odes, caracterizada pela serenidade, pureza, passividade e não envolvimento em paixões ou problemas.

Estrutura da obra:

Externa 19 capítulos

Estrutura circular:

uso paródico do verso de Camões “Onde a terra se acaba e o mar começa”; viagem de Reis para Lisboa e, depois, em direção ao cemitério dos Prazeres.

Linguagem e estilo

Tom oralizante.

Marcas de coloquialidade. Diálogo entre o narrador e o narratário. Comentários do narrador. Estruturas morfossintáticas simples. Provérbios e expressões populares com ou sem variações. Mistura de vários modos de relato do discurso. Coexistência de segmentos narrativos e descritivos sem delimitação

clara. Ausência de pontuação convencional: uso exclusivo do ponto final e da vírgula, que funciona como o sinal de maior relevância, já que marca as intervenções das personagens, o ritmo e as pausas. (É o contexto que ajuda o leitor a perceber quando se trata de uma declaração, de uma exclamação ou de uma interrogação). Uso de maiúscula no interior da frase.

Escola Secundária de Lousada, abril de 2019

Graça Coelho